Adriano Augusto de Araújo Jorge

A Guerra Holandesa

sob o ponto especial de vista de suas repercussões sobre o território das Alagoas

HISTÓRIA DE ALAGOAS
www.historiadealagoas.com.br
2024

Adriano Augusto de Araújo Jorge

A Guerra Holandesa

sob o ponto especial de vista de suas repercussões sobre o território das Alagoas

Março de 1901

Publicado na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, nº 3, de 1901.

EDITADO POR

MACEIÓ - 2024 - ALAGOAS

Sumário

Chegada do 4º donatário Duarte de Albuquerque Coelho 04

Calabar passa-se para os holandeses 05

Primeira expedição holandesa contra o território das Alagoas. . . . 09

Tomada de Porto Calvo e morte de Calabar 15

Mathias de Albuquerque retira-se para a Alagoa do Sul 19

D. Luiz de Rojas y Borja 21

Chegada de João Maurício de Nassau 28

Batalha de Porto Calvo 29

Restauração de Porto Calvo 41

Restauração de S. Francisco 46

Chegada do 4º donatário Duarte de Albuquerque Coelho

A guerra holandesa (essa luta tremenda, que, a pretexto de vingar-se dos despóticos reis da Espanha, e no propósito de arrancar-lhes uma de suas mais preciosas colônias, teve que sustentar no Brasil a briosa nação Neerlandesa), tendo começado pelo assalto contra a cidade de São Salvador, de que se apoderaram os holandeses, em 10 de maio de 1624, e da qual foram expulsos em 1º de maio de 1625, recomeçou aos 14 de fevereiro de 1630; sendo então o teatro escolhido, para as sangrentas contendas, a Capitania de Pernambuco, onde Mathias de Albuquerque era o administrador, na qualidade de lugar tenente do 4º donatário, seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, então na Europa.

O território das Alagoas só começou a tomar parte notável nesta guerra a contar do dia 21 de setembro de 1631, dia em que entrou Bagnuolo com 10 caravelas na Barra Grande, onde desembarcaram os setecentos homens que lhe confiara D. Antonio de Oquendo (logo após a vitória naval do dia 12 do mesmo mês, na qual morreu o almirante holandês Adrien Jansen Pater) para que os fizesse chegar ao Arraial do Bom Jesus, de encontro a cujas muralhas se inutilizavam todos os esforços dos Batavos.

Alvorotou-se a população das circunvizinhanças, não

tanto com a notícia da chegada de tão importante reforço, como pela nova de que era igualmente chegado o donatário Duarte de Albuquerque Coelho — Pressurosos correram os moradores das cercanias a saudar àquele que pela primeira vez punha pés em sua capitania, e a quem todos desejavam conhecer pessoalmente: e todos se mostraram solícitos em lhe oferecer seus serviços. A oficiosidade, verdadeiramente cordial, que então se desenrolou, muito concorreu para o prompto do desembarque da soldadesca e trem de guerra.

Calabar passa-se para os holandeses

Não foi somenos o desânimo, que aos inimigos causou o contingente de tropas, que viera reforçar os defensores de Pernambuco e eis porque, incendiando Olinda, concentraram-se no Recife. E, como sofressem, logo depois, alguns revezes, se bem que não de graves consequências, estava a Companhia das Índias Ocidentais quase resolvida a ordenar a evacuação da conquista, quando passou-se para os holandeses, o mestiço Domingos Fernandes Calabar, que, sendo perfeito conhecedor de todas as localidades da Capitania de Pernambuco e familiarizado com o sistema da guerra de emboscadas, sustentada até então pelos bravos pernambucanos, cuja táctica de guerra e cujos segredos de campanha conhecia a fundo, proporcionou aos holandeses uma taboa de salvação; pois que os habilitou a contrariarem os planos

dos pernambucanos, adestrando-os no contraporem-lhes aos ardis traças equivalentes; e assim fez "que se mudasse repentinamente a face da guerra, e abriu novos horizontes aos interesses e aspirações dos Batavos.

É difícil decidir-se se esse homem rude, esse semisselvagem; esse homem, em cujas veias corria sangue dos aborígenes americanos, sangue dos primeiros e naturais possuidores das plagas, em que se disputavam o domínio Ibéricos e Neerlandeses, teria assaz luz em seu cérebro para guiar-se, no passo, que então deu, por demoradas ponderações concernentes ao futuro da terra, que lhe foi o berço; ou, se, levado unicamente de impulsos de ódio e de vingança (de que muito o criminaram os portugueses, dizendo-o perseguido pela justiça por motivo de graves faltas por ele cometidas) empreendeu retribuir ódio com ódio, perseguição com perseguição.

Como quer que haja sido, o que é fora da dúvida é que os seus consideraram-no traidor: e, como tal, o puniram mais tarde com a maior ignomínia; e que os holandeses utilizaram-se de seus serviços, que lhes foram verdadeira salvação no momento, em que se realizou para eles a aquisição de tão importante cabo de guerra.

Se julgarmos Calabar, de acordo com os sentimentos de humanidade que tendem hoje a prevalecer, sua condenação é inevitável: já tinha passado a oportunidade de considerar-se a população indígena como tendo probabilidades de reaver o predomínio em Pernambuco assim, pois, o serviço, que resolveu Calabar prestar aos holandeses, não poderia, de modo algum, fazer voltar aos antigos dominadores de nossas selvas o teatro de seu viver em plena liberdade, ou, antes, da sua lúbrica, brutal, fera licenciosidade; e, assim sendo, o alvo único,

a que mirou Calabar (se é que realmente foi ele incentivado por quaisquer vistas pré-assentadas em algum plano preconcebido), foi o de perpetuar a luta, que ele via afrouxar-se, por parte dos holandeses: transformando em teatro de recíproco extermínio entre Neerlandeses e Ibéricos, o solo, que os europeus haviam feito embeber-se de tanto sangue indígena, tão cruel e injustamente derramado.

Mas, encarado mesmo por este prisma, de todos o menos ignominioso aos olhos dos que têm sempre pronta a indulgência para os impulsos irrefletidos daqueles que se acham incendidos do pátrio amor, não pode Calabar ser absolvido ante as ideias generosas, de que a geração atual tanto se preocupa e se desvanece, de só aplaudir e acoroçoar esforços propendentes ao bem da humanidade.

Em todo caso não se pode ocultar que a deserção de Domingos Fernandes Calabar, considerada sob o ponto de vista das leis militares de todos os tempos, o constituiu em perjuro, por faltar ao juramento ás bandeiras sob as quais militara a par de seus conterrâneos e tropas de El-Rei; e em traidor, por prestar seu forte braço de temível guerreiro (perito nas evoluções militares dos que abandonava) a estear a fortuna dos inimigos da que sempre fora tida por sua pátria; a estear a fortuna dos inimigos daqueles, a quem sempre considerara compatrícios, e a cujo lado se distinguira bem cedo, batalhando em sua defesa, no Arraial do Bom Jesus, sobretudo no dia 14 de março de 1630, dia em que recebeu honroso ferimento, batendo-se esforçadamente ao lado de Mathias de Albuquerque.

Teve lugar a deserção de Domingos Fernandes Cala-

bar no dia 20 de abril de 1632; e, logo no dia 30, aceitam os holandeses orientação do transfuga em uma investida contra Iguarassu, a qual, por ser coroada do desejado êxito, concorreu para que Weerdemburch lhe dispensasse, de então por diante, toda a confiança.

Começou, então, uma série de infortúnios, para os nossos, com as afoitezas dos holandeses guiados por Calabar faziam repetidas sortidas e dispunham emboscadas dos mais funestos efeitos. De modo que, reacendida a cobiça da Companhia das Índias Ocidentais, que de tudo fora informada, com as mais brilhantes cores, por Weerdemburch, tomou esta a resolução de, quanto possível, alargar a conquista efetuada no Brasil; para o que enviou para Pernambuco tropas numerosas e cometeu a dois de seus diretores, Mathias van Ceulen e João Gysselingh, o renderem na administração a Weerdemburch, a quem concederam que se recolhesse à Europa, para repousar de seus penosos labores.

Depois de vários triunfos obtidos pelas armas neerlandesas, e após a tomada do forte do Rio Formoso, cuja guarnição, capitaneada por Pedro de Albuquerque, dando o mais brilhante exemplo do sacrifício no cumprimento do dever, seguiu-se o assalto, levado pelos holandeses, ao mando de Rembach, contra o Arraial do Bom Jesus, às 11 horas da manhã de quinta-feira santa, 24 de março de 1633, assalto repelido com o maior denodo, ficando Rembach morto no campo da renhida pugna. Foi então resolvido, por alvitre de Calabar, que enviar-se-ia uma força a expugnar a região das Alagoas.

Primeiras expedições holandesas contra o território das Alagoas

Aos 14 de maio, menos de dois meses, depois da morte de Rembach, seguiu Calabar, à frente de quatrocentos homens, embarcados em seis navios e oito barcaças, no propósito de apoderar-se de Porto de Pedras e de Porto Calvo. Levou a cabo o seu intento. Nesta excursão bélica o feroz mestiço procedeu muito barbaramente entrando pelo rio Manguaba, incendiou as embarcações portuguesas, que aqui encontrou, em número de três, degolou a sete dos moradores; e, depois de abandonar o povoado no saque, levou consigo alguns prisioneiros. No Rio Formoso ele incendiou duas caravelas. As perdas dessas embarcações entraram como parte integrante dos planos perversos de Calabar, que bem compreendia o mal irreparável que assim procurava àquelas povoações, que ver-se-iam, por esse meio, privadas de haver os fornecimentos de diversos gêneros que lhes vinham de Portugal.

Foi este e triste início de eventos muito mais lamentáveis: acoroçoado com o êxito obtido na anterior excursão contra Porto Calvo, seguiu Gysselingh, tendo por guia o indefectível Calabar, para o sul da capitania; e no dia 11 de outubro desembarcava na Barra Grande uma força de seiscentos homens, e daí marchava sobre Porto Calvo, onde, chegando à meia-noite, apoderava-se do açúcar encontrado a bordo de uns barcos que ele abandonava, logo em seguida, ao incêndio. Logo depois entraram em Camaragibe e foram arrebanhando o gado e lançando às chamas o que não puderam conduzir. Dirigiram-se para o porto do Francês, onde fizeram igual-

mente que fossem pasto das chamas quantos navios encontraram, e inutilizaram grande quantidade de caixas de açúcar. Entraram, ao fim, na lagoa Manguaba, nesse tempo perfeitamente navegável, e chegaram, sedentos de vingança e pilhagem, até Alagoa do Sul ou Magdalena (hoje cidade das Alagoas), na qual eles atearam as chamas, ficando muito mal tratada esta linda vila, que, segundo o afirmaram os próprios invasores, no histórico dessa pirática expedição, já contava edifícios de bonita arquitetura; e, segundo assegura Duarte de Albuquerque Coelho em suas *Memórias Diárias*, contava mais de cem casas. Pretenderam fazer o mesmo à Santa Luzia, assente na Alagoa do Norte; mas os fez desistir de tão funesto intento o esforçado valor, com que lhes saiu ao encontro o valente capitão de milicias Antonio Lopes Filgueira que sucumbiu dos ferimentos recebidos naquela refrega que muito lhe recomendou o nome à posteridade.

Cumpre declarar que o território das Alagoas, que só em 1638 era envolvido, e tão calamitosamente, na rede de devastações, consequências da luta furiosa que se feria desde 1630, na Capitania de Pernambuco, não se conservara, até então, absolutamente estranho à guerra holandesa: seus filhos corriam a alistar-se nas fileiras combatentes, e bem raros foram os combates, em que não tomaram parte contingentes fornecidos pelas populações alagoanas. Demais disso protraindo-se a luta, e crescendo as dificuldades, quanto a bem garantirem-se desembarques de tropas e de munições, vindas da Europa, eram de preferência procurados os portos das Alagoas; e era o território alagoano, em grande parte, o fornecedor de gado e de gêneros alimentícios; pelo que as comunicações com o sul da capitania tornaram-se muito frequentes e mesmo necessárias. Também, os cruzeiros

holandeses policiavam vigilantemente suas costas, no intuito de estorvar que se recebessem, por este lado, os socorros que, por ventura, fossem remetidos de Portugal ou da Espanha, bem como no de apoderar-se dos barcos que, carregados de viveres, tentassem velejar em busca de portos que ficavam mais ao norte, como o de Santo Agostinho, o do Rio Formoso, o de Sirinhaém. Entre outros fatos memoráveis, que então ocorreram, é digno de menção o seguinte, cuja veracidade não se pode por em dúvida; uma vez que é abonada por Duarte de Albuquerque Coelho em suas *Notas Diárias*.

Eis a notável ocorrência: no dia 12 de janeiro de 1633, chega ao porto dos Franceses o capitão Francisco de Bittencourt e Sá, com setenta soldados, que, por ordem de El Rei, ele trazia da ilha da Madeira, como socorro aos defensores da Capitania de Pernambuco. Chegava seu navio tão destroçado o fazendo tanta água, que, pouco depois de entrado no porto, foi ao fundo, salvando-se, porém, a gente, que trouxera, e todas as munições. Havia dois dias se vira Bittencourt obrigado a aceitar combate contra uma nau holandesa de trinta e seis peças. Durante a peleja, que foi renhida, um mosquetaço leva o antebraço esquerdo a um filho do dito capitão; e, como se mostrasse este muito aflito e pesaroso, a criança, que era de idade de nove anos, e de nome Gaspar, não obstante as dores que a torturavam, teve assaz coragem para tentar consolar a seu desolado pai, e disse-lhe: "Senhor, isto não pode privar-me de ajudar a vmc. na defesa deste navio; porque ainda me resta o braço direito". O navio inimigo foi vencido e sumiu-se no seio das ondas. E Francisco de Bittencourt teve a ventura de fazer chegar ao porto de seu destino o exíguo socorro, que lhe fora confiado!

Os holandeses, que, após a segunda expedição contra

o território das Alagoas, haviam voltado seus esforços contra o Rio Grande do Norte e contra a Paraíba, onde as vantagens por eles obtidas não deixaram de abrir grandes lacunas em suas fileiras, tinham solicitado novos e numerosos reforços, que lhes chegaram em fins de outubro de 1634, ocasião, em que veio a tomar parte na guerra, a seu favor, o coronel polaco Artischofsky, cujas manobras hábeis aconselharam a Mathias de Albuquerque a maior vigilância, a tomar sérias precauções: uma destas foi ordenar a Bagnuolo que se fosse postar em Porto Calvo, com o fito de ter bem garantida esta povoação, verdadeira porta dos distritos meridionais, de onde lhe poderiam ainda vir mantimentos e reforços.

É verdade que a posição de Porto Calvo, situada esta povoação em uma espécie de península, entre dois rios, cujas margens se alagam, e cujo istmo é protegido por uma camboa, era mui facilmente defensável; mas todas estas vantagens foram então improfícuas por ser mui diminuta a força que aí conseguiu-se fazer estacionar às ordens de Bagnuolo; além do gravíssimo inconveniente de ser a pátria de Calabar, que lhe conhecia o terreno como as palmas das mãos.

E foi precisamente Porto Calvo o ponto, contra o qual se dirigiram, em seguida a esta medida de Mathias de Albuquerque os ardis de guerra de Calabar. De feito, no dia 13 de março de 1635, havendo Bagnuolo tido aviso de que haviam entrado na Barra Grande alguns barcos holandeses, que aí desembarcaram alguma tropa, tratou de entrincheirar-se na Igreja Velha, e cometeu, no dia 15, a Riba Aguero a tarefa, visivelmente impraticável, de, postado em um pequeno cerro, com quarenta homens, fazer que estacassem em sua marcha os inimigos.

Esta pequena força foi completamente destroçada por Lichthardt; e, de tal sorte o foi, que Riba Aguero, não podendo reincorporar-se à guarnição de Porto Calvo, procurou chegar ao acampamento de Mathias de Albuquerque, o que só conseguiu, vencendo inúmeras dificuldades através alagadiços quase intransponíveis. Quanto a Bagnuolo não pôde resistir, com os cem soldados, que tinham ficado sob seu imediato mando, ao ataque dos holandeses, e forçoso lhe foi retirar-se para o Rio das Pedras, de onde seguiu para a Alagoa do Norte.

Frustrados assim os planos de Mathias de Albuquerque, teve ele, menos de três meses depois, a dolorosa notícia da rendição do Arraial do Bom Jesus, que nos 6 de junho teve de ceder, se bem que com todas as honras da guerra, ao valor das hostes capitaneadas pelo hábil polaco Artischofsky, o qual, pouco tempo depois, no dia 2 de julho, apoderou-se da fortaleza de Nazareth.

Reconhecendo Mathias de Albuquerque que não poderia, por mais tempo, manter-se em vila Formosa (onde conseguira, auxiliado pelas guerrilhas de Camarão e dos treze irmãos Baptista, que quase todos perderam as vidas nesse pelejar titânico, durante quatro meses, resistir a todas as maquinações dos inimigos, à todo o esforço empregado para desalojá-lo) resolveu abandonar, sem demora, esse seu centro de operações, de onde fizera partir tão oportunos auxílios aos seus companheiros de luta; dando-se, por essas ocasiões, renhidas refregas, entre as quais celebrizou-se a de 11 de abril. Nesta morreu Estevão Velho, filho de d. Maria de Souza, senhora nobre, esposa de Gonçalo Coelho. D. Maria já havia perdido na guerra holandesa dois filhos e um genro, o capitão Antonio Lopes Filgueiras, esse mesmo que obstou, com

o sacrifício de sua vida, que as hordas dirigidas por Calabar incendiassem Santa Luzia do Norte. E, como lhe constasse a morte de Estevão Velho, chama os dois filhos, que ainda lhe restavam, e diz-lhes: "Neste momento, meus filhos, chegou a vosso pai e a mim a notícia de haver o inimigo morto Estevão, que já é o terceiro filho que nesta guerra perco, além de um genro; mas, bem longe de vos desviar dos mesmos perigos, quero colocar-vos na carreira deles. Portanto, já e já tomai a espada e ide dar a vida com a mesma honra, que vossos irmãos, por Deus, pelo Rei e pela pátria". E os dois jovens filhos de tão digna mãe, cuja memoria ser-nos-á inolvidável exemplo do mais santo patriotismo, da mais admirável abnegação, souberam cumprir as ordens maternas: o mais velho, Gil de Souza, conquanto da idade de apenas quatorze anos, correu logo a prestar serviços nas fileiras combatentes.

Mathias de Albuquerque levantou acampamento no dia 3 de julho, apenas lhe constou a rendição de Nazareth, e encaminhou sua marcha para a região das Alagoas.

Nessa retirada, na qual acompanharam a Mathias de Albuquerque numerosos famílias (calcula-se que emigraram então não menos de oito mil pessoas); nesse forçado abandono dos pátrios lares, deram-se os mais tocantes episódios, as mais dolorosas cenas, os incidentes os mais lamentáveis: velhos, meninos, senhoras, uns a carro, outros a pé, todos extremamente angustiados e saudosos, se sentiam arrastados da necessidade de aumentar a caudal daquele triste êxodo e nele tomaram parte com o coração dilacerado as exclamações das mães, consternadas pela sorte desditosa de seus tenros filhos enredados em

tamanhas desventuras; as faces encovadas dos anciãos, sulcadas de mudas lágrimas, denunciadoras da funda mágoa que lhes ia na alma, por já não lhes comportar a avançada idade fazerem valer esforços em defesa de tantos seres frágeis em tão cruciantes apuros; a expressão de terror e desalento, estampada nas pálidas faces das jovens filhas da outrora tão feliz, tão risonha Capitania de Pernambuco, as quais pela vez primeira viam desenrolarem-se lhes nos olhos tantas misérias e tão indizíveis horrores; os ais amargurados dos a quem vencia a fatiga do caminho era tudo um conjunto de lamentáveis circunstancias próprias a arrancarem lagrimas ao homem o mais insensível. Os vultos, habitualmente severos, dos guerreiros, que ali iam, no desolador desfilar de tanta lástima, de tanta dor, de tanta angústia, de quando em quando os sulcavam lágrimas solenes, que bem traduziam o quanto de pesar e compaixão achava guarida em seus corações!

Tomada de Porto Calvo e morte de Calabar

A emigração in em direitura a Porto Calvo, cujo assalto importava se precipitasse, pelo receio de ser essa praça reforçada com tropas numerosas; uma vez que acabavam de ficar em disponibilidade os diversos contingentes que haviam assediado as praças que ultimamente caíram em poder dos holandeses. Por isto mesmo, Mathias de Albuquerque avançava com a rapidez possível,

para, tomando Porto Calvo, abrir franca passagem para a Alagoa do Sul.

Ofereceu-se, então, a Mathias de Albuquerque um auxiliar inteiramente imprevisto: foi Sebastião do Souto, de quem nada suspeitavam os holandeses. Sebastião do Souto, que habitava em Porto Calvo e conseguira captar a confiança dos conquistadores, logo que soube da aproximação de Mathias de Albuquerque, concebeu um ardil com vistas de alcançar a derrota dos holandeses que se achavam de guarnição em Porto Calvo, e tratou de pô-lo em prática. Conseguindo chegar à fala com Mathias de Albuquerque, já então acampado no outeiro conhecido pelo nome de Amador Alvares, concertou com ele o plano de uma emboscada, a qual surtiu o mais feliz resultado. Dispostos, convenientemente ocultos, dois piquetes, um ao mando do capitão Francisco Rebello, e o outro ao mando do capitão Estevão de Távora, aguardaram a chegada dos inimigos. Sebastião do Souto convenceu com tal habilidade ao major holandês Alexandre Picard, comandante da praça, de que se achavam os de Mathias de Albuquerque tão abatidos, desalentados e desprevenidos de qualquer precaução, que Picard não hesitou em partir com o propósito de aniquilar as tropas de Mathias de Albuquerque, a quem ele esperava encontrar de todo desapercebido para repelir a inopinada investida; mas colhido entre dois fogos pelos bem emboscados piquetes, viu possuídos de terror pânico os seus próprios soldados que recuaram precipitadamente em vergonhosa fuga, acossados de perto e com grande energia pelos de Mathias de Albuquerque, os quais entraram na praça de roldão com os inimigos que trataram de refugiar-se na Igreja Velha, cingida de um parapeito de forma quadrilonga com estacada e fosso artiIhado nas quatro faces;

mas, sendo daí desalojados com perda de quarenta e seis prisioneiros, seis peças, munições e armas, conseguiram acolher-se, em número de uns duzentos, nas trincheiras da Igreja Nova, de onde foram rechaçados os assaltantes com perdas bem sensíveis: vinte mortos e oitenta feridos, entre os primeiros os capitães D. Gaspar de Valcaçar e Pedro Alvares Bezerra. Compensou, até certo ponto, este desastre a tomada do reduto, que o inimigo tinha no Varadouro, perto do rio Manguaba, cuja guarnição fugiu em uma barcaça.

Nesse dia memorável (12 de julho de 1635) todos deram provas de valor assinalado, muito sobressaindo, entre outros, os capitães D. Fernando de la Riba Aguero, D. Pedro Tavoro Sotto Maior, Affonso de Albuquerque e D. Francisco de Souza, e os alferes Fernando Barbosa, D. João de Estrada e D. Fernando de Alvorado Mendonça.

Duarte de Albuquerque Coelho, que presenciara a galhardia de nossos soldados, e que tomou parte gloriosa na renhida pugna, fez declaração solene de que, para memória de tão alto feito, mudava o nome antigo daquela praça para o do Bom Sucesso.

Sabia Mathias de Albuquerque achar-se Calabar na trincheira assediada da Igreja Nova, e tomou a peito o haver as mãos e punir o trânsfuga, o verdadeiro causador doe tremendos males, sob os quais se viam oprimidas as populações pernambucanas; e, pois, tendo feito que seguissem para as Alagoas os emigrados e feridos, permaneceu em Porto Calvo com a gente armada, de que podia dispor não intimidando-o a certeza, de que corria grande risco de ser envolvido por numerosas forças que, segundo todas as probabilidades, viriam em socorro da praça.

Felizmente para Mathias de Albuquerque, delongou-

-se por muitos dias a chegada dos tão temíveis socorros ao inimigo; circunstância esta que permitiu visse ele coroada de êxito sua perseverança, verdadeiro motivo de admiração para quem considerar a diminuta força sob seu comando. Também, para fazer crer ao inimigo serem respeitáveis, pelo número, as suas tropas, usou do ardil engenhoso de, a certos intervalos, fazer que aparecessem magotes de soldados na ladeira de João André, à direita da vila, com todas as aparências de chegarem fatigadas de longas travessias; simulando reforços repetidamente recebidos pelos sitiantes, reforços que os sitiados facilmente acreditaram enviados por Bagnuolo, então na Alagoa do Sul.

Diariamente mais se estreitando o cerco da praça, mandou o inimigo, no dia 19, um tambor, propondo capitulação, a qual foi aceita com a condição de que os estrangeiros teriam livre sua retirada com as respectivas bagagens, e seguiriam para a Bahia, de onde embarcariam para a Holanda. Por mais que insistisse o major Alexandre Picard no sentido de se fazer a capitulação extensiva à pessoa de Calabar, Mathias de Albuquerque não consentiu absolutamente em admitir que assim fosse; o que ia dificultando seriamente a ultimação do conchavo; pois que Picard bem compreendeu que os serviços prestados por Calabar faziam jus à gratidão dos holandeses; mas o próprio Calabar cortou a dificuldade, vencendo as hesitações de seu comandante, com o dizer-lhe: "Não deixeis, senhor, de concordar no que se vos exige, pelo que me diz respeito: pois não quero perder a hora que Deus quis dar-me, para salvar-me, como espero de sua imensa bondade e infinita misericórdia".

Concluído o ajuste, deixaram as trincheiras, junta-

mente com o comandante da praça, dois capitães, cinco ajudantes, quatro tenentes, quatro alferes, dez sargentos e outros oficiais; oito mulheres, trezentos soldados e sessenta homens armado, vinte e sete feridos e enfermos.

Os sitiantes, não contando com alguns índios, não excediam de cento e quarenta!

Submetido Calabar a conselho de guerra, condenou-o este à morte, a ser enforcado e esquartejado, por traidor e aleivoso e por muitos males, agravos, furtos e extorsões, que havia feito e foi causa de se fazerem aos moradores de Pernambuco.

Calabar foi executado na noite de 22 de julho de 1635, enforcado em um esteio junto à Casa Forte, cuja defesa, ele sustentara com tanta bravura; e, depois de esquartejado, foram a cabeça e partes do tronco fincados nas estacas e na rua da povoação.

Como galardão dos serviços prestados, foi Sebastião do Souto elevado ao posto de capitão.

Mathias de Albuquerque retira-se para a Alagoa do Sul

Satisfeita sua vingança, e enterrados os canhões do forte, seguiu Mathias de Albuquerque com direção à Alagoa do Sul.

Logo após a retirada do vencedor, chegava Sigismundo Van Schkoppe, que ordenou se celebrassem solenes funerais em honra de Calabar, cujos restos mortais fo-

ram zelosamente recolhidos e sepultados com a possível fúnebre pompa na Igreja Nova. De ordem do mesmo Sigismundo apregoou-se que dentre os moradores de Porto Calvo uns seriam reduzidos à escravidão, e os outros seriam passados a fio de espada; mas Frei Manoel do Salvador, que fora o confessor de Calabar, conseguiu, mediante reiteradas e eloquentes rogativas, que tão terrível pena fosse comutada em auxílios de farinha e outros gêneros alimentícios a favor dos holandeses.

Alongou-se Sigismundo para o sul; felizmente, porém, não foi além de Paripueira, onde fez construir um forte nas margens do Sauassuhy, que ele guarneceu de seiscentos homens ao mando do valente Artischofsky, com o fito de embaraçar as comunicações, pelo litoral, entre Alagoa do Sul e Porto Calvo. As obras, que então se construíram, tiveram como complemento os dois redutos que se ergueram: um na eminência sobranceira à praia, junto à Ermida de S. Gonçalo, e o outro em plena praia.

Seguindo para Camaragibe, construiu aí o chefe holandês um outro forte, que guarneceu de cento e vinte homens sob o mando de Jacob Estacour. Depois de tomadas essas medidas, volveu Artischofsky ao Recife.

Os emigrados eram chegados à Alagoa do Norte no dia 2 de agosto; daí haviam-se acolhido à Alagoa do Sul, preferida por Mathias de Albuquerque pelo fato de ser melhor defensável, e oferecer mores facilidades, quanto às comunicações por mar, em razão da proximidade do porto do Francês. Cuidou logo Mathias de Albuquerque de tomar as precisas precauções, no ponto de vista de melhor garantir a povoação, melhorando-lhe as fortificações e fazendo quanto possível desaparecer os vestígios

das chamas que em 1633 lhe tinham ateado os holandeses. Como guarda avançada ele estabeleceu no Poço, imediações do atual porto de Jaraguá, uma trincheira, cuja guarnição se compôs então de uma companhia de brancos e de alguns índios.

Para acomodação dos religiosos, que haviam acompanhado os emigrados, construiu-se um recolhimento de palha, onde assistiram durante alguns meses o seu Custódio Frei Cosme de S. Damião com o seu secretário Frei João Baptista e alguns outros, mas não todos os recém-chegados religiosos; pois que muitos seguiram para os conventos da Bahia. Tal foi a origem do Convento das Alagoas.

Mathias de Albuquerque, não obstante esses urgentes trabalhos, não se despreocupava das necessidades de ter bem asseguradas contra as surpresas dos inimigos, as circunvizinhanças; e, pois, expedia, de quando em quando, guerrilhas capitaneadas por cabos de toda confiança; e, por este meio, não só se punha a salvo de inopinadas investidas, como conseguia, aprisionando a alguns dos inimigos, saber o que entre eles se projetava.

D. Luiz de Rojas y Borja

No dia 30 de novembro de 1635 chegou um importante reforço ao porto de Jaraguá. Eram 1700 homens, embarcados em trinta navios. Comandava-os em chefe D. Luiz de Rojas y Borja, que vinha com a incumbência de suceder a Mathias de Albuquerque no governo de Per-

nambuco e na direção da guerra. Eram tropas bem mescladas: portugueses, espanhóis, napolitanos constituíam tais forças, que, demais disso, se achavam mal providas de material de guerra e dispunha de mantimentos para, quando muito, uns dois meses. A esquadra não se demorou no porto de Jaraguá; teve de seguir para a Bahia conduzindo o recém-nomeado governador geral do Brasil Pedro da Silva.

No dia 16 de dezembro de 1635, perto de 5 meses depois de sua chegada na Alagoa do Sul, embarcou Mathias de Albuquerque no porto de Jaraguá, e se fez de vela para a Europa, havendo estado, desta última vez, em Pernambuco, mais de seis anos, sempre prompto ao serviço de El-Rei.

As demonstrações de apreço e verdadeira estima, de que foi ele o alvo, por ocasião de seu embarque, foram-lhe uma compensação aos sacrifícios e aos duros labores, e à ingratidão do governo de Madrid, que, esquecido do sacrifício que de sua fortuna fizera o incansável e valente general (a quem, desde muito, nem o soldo pagavam, que à sua custa sustentara em tão diuturna campanha a soldadesca e a particulares que nela tomaram parte) se havia resolvido a substitui-lo, e pusera em pratica tal resolução, sem disto dar-lhe aviso algum!

D. Luiz de Rojas y Borja se dispôs, com presteza, a dar começo à campanha: mandou para Santa Luzia do Norte a artilharia e bagagens; fez abrir um novo caminho para Porto Calvo, assaz desviado da costa, para não passar por Paripueira, ainda ocupada pelos holandeses; e fez seguir com certa antecipação 20 homens, sob as ordens de Sebastião do Souto, que estudaria a posição e recursos prováveis dos inimigos.

Reunido um conselho de oficiais, decidido foi que se

marcharia, sem delongas, sobre Porto Calvo. É verdade que Bagnuolo pronunciou-se em oposição a esta medida, como sendo demasiadamente precipitada.

Também, o papel, que lhe coube na curta e infeliz campanha, que se seguiu, foi o de ficar guardando Santa Luzia do Norte com 700 soldados.

À frente de mil e quatrocentos homens pôs-se Rojas y Borja, a 6 de janeiro de 1636, em marcha contra Porto Calvo, onde se achava, então, Sigismundo; e, no dia 12, distanciando dessa praça apenas uma légua, ordena que a invistam D. Pedro Marinho e Francisco Rebello com três companhias.

Teve um momento de alegre surpresa, ao constar-lhe que Sigismundo não ousara aguardar sua chegada e que se recolhera precipitadamente para Barra Grande. Rojas y Borja faz que sigam várias partidas em perseguição do inimigo, e Rebello ainda conseguiu alcançar e bater um pequeno troço de cavalaria, que procurava garantir a retaguarda dos fugitivos.

Foi de breve duração a alegria de Rojas y Borja: o temível Artischofsky, que, em socorro de Sigismundo, vinha a marchas forçadas, e a quem ele supunha ir encontrar descuidoso em Paripueira (para onde contramarchara, havendo deixado 500 homens de guarnição em Porto Calvo), apresentasse-lhe, disposto a combater, em Mata Redonda, a 16 quilômetros de Porto Calvo, tiroteando, já caída a noite, com a sua retaguarda.

A contrariedade, pela qual passou então Rojas y Borja, foi tanto maior quanto se lhe afigurou que tinha de haver-se contra um inimigo que dispunha de forças mais numerosas do que as que trazia para debelá-lo.

Tarde era para retroceder: travou-se a batalha na ma-

nhã seguinte, 18 de janeiro. De ambas as hostes é grande o denodo com que se atiram à peleja: debalde procuram os terços de Rojas y Borja obrigar os inimigos a deslocarem-se da forte posição que ocupavam; e, como repentinamente estes assumissem a ofensiva, arrojando-se com irresistível ímpeto sobre as contrapostas fileiras, Rojas y Borja vendo que seus soldados, já postos em desordem, cedem o terreno, avança destemidamente, procurando com o exemplo encorajar os seus; e, atirando-se à vanguarda, incita-lhes os brios, conjurando-os a avançarem. É nesse momento ferido de um mosquetaço na perna o general que é precipitado do cavalo; e, como tentassem restabelecê-lo sobre o corcel, acerta-lhe em cheio no peito uma bala.

Morto o general, desanimam os seus soldados, e a debandada é geral por parte das tropas napolitanas e espanholas. Debalde envidam Rebello e Camarão, sempre heróis, sempre impertérritos, restabelecer a ordem: o mais que conseguem é impedir que os inimigos persigam os que se hão abandonado á tão funesta fuga, rebatendo-lhes as reiteradas investidas com as tropas do país e com o terço de índios. Graças ao valor e pertinácia desses dois experimentados cabos de guerra, efetuou-se sem completo descalabro a retirada do exército de Rojas y Borja. Era mais uma vitória assinalada que cingia de louros a fronte de Artischofsky, a quem a morte do general inimigo poupou uma derrota; pois, como se verificou, lhe escasseavam as munições de modo que, si a pugna se prolongasse, ter-se-iam visto os holandeses na contingencia de abandonar o campo a seus competidores ou a bater-se à arma branca.

O arrojo, em momento tão infeliz, por parte de Rojas

y Borja, deu ganho de causa aos inimigos. Também, não ousou Artischofsky volver à Paripueira, e seguiu imediatamente para vila Formosa, não procurando, sequer, obstar a que desalojasse Francisco Rebello os 400 homens que tinham ficado guarnecendo o forte da Barra Grande, logo após por ele arrasado.

Assumiu, então, o governo, Bagnuolo que, dirigindo-se para Porto Calvo, aí chegou aos 19 de março. Dispunha Bagnuolo de uma força de mil e oitocentos soldados, não falando das tropas, que ficaram nas Alagoas, e dos índios de D. Antonio Felippe Camarão, pelos quais mandou ocupar a linha do Una, distante de Porto Calvo 10 léguas, com ordem de incomodarem continuamente o inimigo, mediante guerrilhas.

A mudança do centro de operações das Alagoas e Santa Luzia do Norte para Porto Calvo foi aconselhada pelo próprio donatário Duarte de Albuquerque Coelho, que conservava o governo na parte civil, e que acompanhou, então, a Bagnuolo, a quem oferecera o auxílio de sua lança.

Nesse ínterim, aos 23 de abril de 1636, foi Porto Calvo solenemente elevado à vila, sob o nome de vila do Bom Sucesso. E nessa mesma data foram igualmente elevadas à vila a Alagoa do Sul, sob o nome de vila da Magdalena e Penedo, sob o nome de vila de S. Francisco.

Nesse mesmo dia 23 de abril, os holandeses do reduto da Paripueira marcham, em número de quatrocentos, com destino à Santa Luzia do Norte; mas os nossos, em número de duzentos, sob o mando do sargento-mor Martim Ferreira, que fora incumbido de fazer um reconhecimento para os lados de Paripueira, encontraram-se inesperadamente com os inimigos que, após renhi-

do combate, retiraram-se precipitadamente. Custou aos nossos esta vitória a vida do valente Capitão Alvaro de Azevedo.

Este facto tornou evidente que se tornava urgente uma medida enérgica, apta a garantir as populações que nos eram afeiçoadas e a tornar menos fáceis as correrias dos inimigos no território das Alagoas. Assim, foi Francisco Rebello incumbido de, à frente de quatrocentos e cinquenta homens, entre os quais duzentos índios, ir arrebanhar os moradores, que quisessem passar-se para o território das Alagoas, e de assolar e queimar tudo, até onde pudessem chegar. E aquele bravo cabo de guerra levou suas devastações até S. Lourenço, coisa de 5 léguas distante do Recife, de onde teve de retroceder, no dia 25 de abril, com grande oportunidade, retraindo-se as numerosas forças comandadas por Jacob Stackower.

A ousadia de Rebello sobrexcitou a ira dos holandeses; e Sigismundo, à frente de mil e quinhentos homens, atacou as nossas avançadas em Una; mas foi repelido, causando-nos, contudo, perdas sensíveis, e entre elas a de Antonio Cardoso, chefe de índios. Camarão, à frente de seus índios, e Henrique Dias, que nesse tempo já tinha o título de Governador dos negros, causaram, logo em seguida, verdadeiros sobressaltos aos inimigos com as suas temíveis guerrilhas, que se estenderam até Goiana, devastando fazendas e apoderando-se de boa copia de mercadorias diversas, e afrontando ao próprio Artischofsky, a quem Camarão derrotou no dia 24 de agosto.

Não menos de 4 meses consumiram nessa gloriosa e temerária empresa os valentes guerrilheiros, que trouxeram, garantidas por sua bravura indômita, numerosas famílias (não menos de três mil pessoas) que já não po-

diam suportar as cruezas dos holandeses, e que, assim, refugiavam-se no território de Alagoas.

Esse feito ousado teve imitadores em Rebello, que, logo após, ousou estender suas correrias até a Paraíba, queimando muitos engenhos; em Sebastião do Souto e André Vidal de Negreiros, que também se alongaram até a Paraíba; e, ainda, em Henrique Dias, que ousou chegar até uma légua ao Sul do Recife.

Bagnuolo voltará, é verdade, a fazer da Alagoa do Sul seu centro de operações; mas não descurava de melhorar as fortificações de Porto Calvo (Vila do Bom Sucesso,) para onde foram, por sua ordem, transportadas artilharia munições.

Como tivesse, nesse tempo, crescido consideravelmente a população de Porto Calvo, por ali se terem concentrado muitos dos emigrados, e de terem para ali passado, com excepção de três companhias, as forças estacionadas em Santa Luzia do Norte, se fez sentir escassez de viveres, e sobreveio a carestia dos gêneros de primeira necessidade; e, como em semelhantes quadras sucede, por causa da menos regular alimentação, enferma se achava grande parte dos habitantes, apelou Mathias de Albuquerque[1] para a generosidade dos alistados, que, à porfia, acudiram ao apelo do donatário.

Contudo, corria certa aura de animação, muito principalmente por se terem tornado francas as comunicações entre Bom Sucesso. Alagoa do Sul e Santa Luzia do Norte, pelo fato de haverem os holandeses abandonado Paripueira, em novembro de 1636; mas, infelizmente,

---

1. N. do E.: Nessa data o governador de Pernambuco era o Conde e Príncipe de Bagnuolo.

quando tão fagueiras surgiam as esperanças de acentuarem-se as vantagens para os nossos, resolveu a Companhia dos Índias Ocidentais confiar a administração do Brasil Holandês a um só chefe, que deveria ser um homem de nome feito e de reconhecida aptidão. Recaiu a escolha, para o lugar de Governador Supremo, no Conde João Maurício de Nassau, parente do Stathouder príncipe de Orange, e tido no alto conceito de valoroso e justiceiro.

Chegada de João Maurício de Nassau

Luzida e numerosa esquadra ancorava, festivamente embandeirada, no porto de Recife, no dia 23 de janeiro de 1637. Nela vinha o ultimamente nomeado Governador Supremo do Brasil Holandês, o Conde João Maurício de Nassau.

Inteirado das últimas ocorrências, e previamente ponderadas as circunstâncias, em que ele vinha encontrar o teatro da prolongada guerra, tratou logo de pôr em execução o plano de campanha, qual o concebera antecipadamente. Escolheu como objetivo de seu primeiro ataque a Vila de Porto Calvo, em direção à qual põe-se em marcha com um corpo de exército sob o mando imediato de Sigismundo Van Schkoppe; ao mesmo tempo que um outro corpo de exército segue embarcado em 30 navios, com destino à Barra Grande, sob o mando de Artischofsky. Reunidas estas duas forças na Barra Gran-

de, seguem daí juntas contra Porto Calvo, no dia 17 de fevereiro de 1637.

Quanto a Bagnuolo, apenas soube da chegada de Nassau ao Recife, tratou de pôr a praça de Porto Calvo nas melhores possíveis condições de opor seria resistência à investida que, segundo ele bem compreendeu, lhe seria levada sem demora: fez construir dois redutos no monte fronteiro à Villa, do lado oriental, e além do rio Comandatuba, no ponto conhecido, então, pelo nome de Amador Alvares. O comando do forte da Villa confiou-o ele à perícia guerreira e mais que provada bravura de Miguel Giberton, oficial superior de artilharia, que tinha sob suas imediatas ordens trezentos guerreiros.

Batalha de Porto Calvo

(INVESTIDA DESTA PRAÇA POR MAURÍCIO DE NASSAU)

A promptidão, que empregou Maurício de Nassau na efetuação da marcha contra Porto Calvo, empeceu que se ultimassem as obras destinadas à sua eficaz defensão. E Bagnuolo, que de sobra compreendeu que baldada seria a resistência, a qual serviria, quando muito, para, tendo o inimigo entretido por algum tempo, dispor as coisas no sentido de pôr a salvo parte das forças que, para garantia das reais possessões no Brasil, convinha, a todo transe, poupar (reservando-as para melhor oportunidade) tratou de tomar precauções no sentido de assegurar sua retirada; o que chamou sobre sua pessoa grande soma de descrédito e expô-lo mesmo a um certo ridículo; so-

bretudo a resolução de fazer seguir sua bagagem para Santa Luzia do Norte, como disposição previa a facilitar a estudada fuga.

Dispunha Bagnuolo, nesse momento, de mil e quinhentos homens. Deu ordem a Almiron para avançar ao encontro do numeroso inimigo; e este hábil chefe, no intuito de demorar a marcha dos invasores, levantou, à margem do Comandatuba, uma estacada, e construiu, às pressas, dois entrincheiramentos, nos quais apoiaria os flancos das forças sob seu comando.

Anoitecia, quando chegaram os inimigos ao alcance de tiro de carabina, separados, apenas, dos nossos pelas ribas do Comandatuba. Na manhã seguinte (18 de fevereiro) travou-se a batalha.

Os holandeses haviam sabido tirar proveito das trevas da noite: levantaram trincheiras no ponto mais erguido do monte, e, mais abaixo, na Bica do Outeiro; de sorte que sua posição em muito se avantajava à das forças de Almiron. Também, não se prolongou muito a refrega. É verdade que não foi fácil ao inimigo o transpor o rio; mas, ao fim, foram os nossos levados de vencida, e a confusão dominou nossas fileiras pois, possuídos nossos soldados de terror pânico, abandonaram-se à fuga sob a fuzilaria mortífera do exército contrário. Mas o terror não avassalou a todos sem excepção: continuaram a sustentar a luta com admirável denodo Rebello e Henrique Dias, que pela sexta vez era ferido a serviço de El-Rei, em defesa da Pátria e da Religião; e ao ter amputada a mão esquerda, dizia que ainda lhe restavam na mão direita tantas mãos quantos eram os dedos!

Bagnuolo deu-se pressa em recolher-se às Alagoas; e o fez, sem deixar ao comandante da praça instrução

alguma. Foi fácil, pois, a Nassau, após haver perseguido a Bagnuolo, por coisa de duas léguas, apoderar-se dos redutos abandonados e voltar os respectivos canhões contra o forte da Vila.

E, no entretanto, esse procedimento de Bagnuolo, com todas as aparências de justiça atribuível á covardia de sua parte, foi de consequências benéficas, como se reconheceu mais tarde. E certo, porém, que pesou-lhe como uma ignomínia até que, no ano seguinte, na Bahia, como veremos, chegou-lhe plena a reabilitação. Reconheceu-se, então, que sua presença ali foi a salvação da Capital do Brasil, e que sua retirada de Porto Calvo e refugir para o Sul do Rio de S. Francisco foi o efeito de mui previdente prudência. Mais uma vez evidenciou-se que mais importa ao vingamento de uma causa, a decidir-se pelas armas, oportuna retirada que vitória passageira.

O Capitão Manoel de França, que nas margens do Manguaba opôs tenaz resistência, durante 2 horas, a algumas lanchas inimigas que subiam o rio, cessou de bater-se, apenas lhe chegou a notícia desoladora da retirada de Bagnuolo certo de que não poderia receber socorros, retirou-se do campo da pugna, que daí por diante seria sem profícuos resultados.

Conta-se que, nesse dia funesto, quando apesar dos mais enérgicos esforços do intrépido Camarão, cediam seus índios o campo ao inimigo, apareceu a cavalo, acompanhada de outras senhoras, nas quais conseguira incutir o desprezo do perigo, sua mulher D. Clara Camarão, que, de espada em punho, se esforçava por comunicar, de novo, os brios guerreiros nos capitaneados por seu marido, o bravo e impertérrito guerreiro, que, com a morte n'alma, se via arrastado pela onda dos pávidos

e rechaçados companheiros de armas, aos quais o terror pânico já não permitia que obedecessem à voz do valente chefe, que debalde tentava fazer- lhes reviver a coragem. Inútil esforço. Nem mesmo o sublime exemplo daquela heroica amazona pode produzir o desejado milagre. Mas era digna de ver-se, quando, tornando-se forçosamente geral a retirada; cheia de coragem, dominada como de sobrenatural resolução, atirava-se ela, sem medir o perigo, a envolver-se nos lances mais arriscados, procurando proteger os fugitivos. Referindo-se à tão admirável heroína, diz o padre Raphael de Jesus, no *Castrioto Luzitano*: "Montada em um cavalo, e tão clara nesta gentileza que deixou escurecida a memória das Zenóbias e Semíramis, com que tanto se ilustrou a antiguidade".

Estabeleceu-se o assédio do forte, onde Miguel Giberton resistiu, durante quatorze dias, causando ao inimigo perdas sensíveis, e, entre estas, a morte do Capitão Henrique de Nassau, sobrinho do Conde João Maurício de Nassau.

Em suas *Memórias Diárias*, refere Duarte de Albuquerque Coelho o seguinte, que dá perfeita noção dos apuros, em que se viu então Giberton:

> "Sobem o rio (Manguaba) as outras lanchas holandesas, que vinham atrás com artilharia, munições, abastecimentos de todo o necessário para pôr o forte em sitio. Ocupou o inimigo quatro postos, um a duzentos passos no rio e lanchas em que assentaram quatro meios canhões; outro na subida da baixa, em que tinham feito alto, onde postaram dois, colocando quatro em cada um dos outros, os quais ficaram alguma cousa sobranceiros ao forte, e afastados dele mais de trezentos passos para a banda do outeiro de

Amador Alvares, onde os franciscanos descalços começavam um convento.

Enquanto o inimigo ia fazendo seus quarteis e esplanadas, e plantando artilharia, em que não se deteve muito, detiveram-se os nossos em fazer alguma saída, bem que tinham desculpa, à vista da pouca gente, que tinham, e desta bastante enferma.

Giberton, além disso, ficará mui confuso por se ver sem uma carta, sem um aviso de Bagnuolo, ignorando até o destino que tomara: estava portanto convencido de que não podia ser socorrido para defender-se por muitos dias. Sem embargo disso, fazia quanto estava a seu alcance, deitando, á noite, alguns soldados para estorvar o inimigo de vir reconhecer o fosso (porque lhe faltava muito para sê-lo), o qual, pelas suas imperfeições, não obstava o assalto.

Para aumentar o cuidado, fugiu para o inimigo um flamengo, que era dos sapadores, do qual podia ele informar-se de tudo largamente".

As baterias inimigas já haviam destruído os parapeitos do forte e já se achava atulhado de escombros o poço, de que os sitiados bebiam água, quando Maurício mandou um parlamentário ao governador Giberton, com a seguinte proposta, escrita em francês: "Senhor, por saber que sois tão grande soldado, não vos quis render sem assestar primeiro baterias contra vós, pois bem sabeis que esse forte será meu logo que o queira eu, vistos os poucos meios de defesa de que dispondes, e assim folgaria muito de servir-vos; o que depois não será com tanta comodidade. Bem sabeis que não vos poderá vir socorro. Deste sitio de Porto Calvo, 4 de março de 1637. Vosso muito afeiçoado João Maurício Conde de Nassau".

Ouvidos os seus capitães, e largamente discutida a proposta de Nassau, respondeu-lhe Giberton, nos seguintes termos:

> "Exm. Sr. — Tenho em muito apreço a mercê que v. exc. me faz, e a esperava, tendo em atenção o muito que me obsequiava o sr. Conde de Nassau, irmão de v. exc. Mas, quanto à entrega deste forte, bem sabe v. exc. que a não posso fazer sem ordem do Conde de Bagnuolo, ou, pelo menos, sem prévio aviso. E assim, suplico a v. exc. me conceda 25 dias para isto, findos os quais, servirei a v. exc. se não vier socorro. V. exc. sabe que assim se costuma praticar, como sucedeu no cerco de Breda, dando-se aos sitiados o preciso tempo para avisar e pedir socorro. Guarde Deus a v. exc. Deste forte de Porto Calvo, a 4 de março de 1637. Humilde criado de v. exc. — Miguel Giberton".

O Conde de Nassau não consentiu na dilação pedida, declarando que se desse o comandante do forte por intimado para render-se dentro em 24 horas.

Giberton, reunidos de novo em conselho os seus capitães, lhes faz ver que os viveres dariam, quando muito para oito dias, e declara-lhes que, segundo sua opinião, deve ser aceita a rendição. Foi apoiada esta resolução, e designaram-se para, de parte dos sitiados, assentarem nas condições da entrega da fortaleza, os capitães D. Fernando de Viveiros e João Rodrigues de Souza. Da parte do Conde de Nassau foram designados um sargento-mor e um capitão.

Ajustadas as bases, foram firmadas na manhã de 6 de março, concedendo-se, apenas: 1º que se retirasse da fortaleza uma peça com seus petrechos, duzentas libras de pólvora, outras tantas libras de balas e igual peso de

cordas; 2º que os oficiais levassem suas malas de roupas, e os soldados as peças de roupa que lhes coubessem nas mochilas; 3º que as pessoas, que tivessem escravos, os conduzissem; 4º troca reciproca de prisioneiros; 5º que os oficiais saíssem em esquadrão formado, com suas insígnias, e os soldados com armas, e todos com direção às Índias. O que tudo se cumpriu.

Caíram em poder de Maurício avultadas munições bélicas; pois aqui se tinha concentrado a mor parte dos recursos, de que os nossos dispunham.

Como uma medida a seriamente dificultar a obtenção de viveres por parte dos holandeses, destruíram os moradores suas plantações e inutilizaram os utensílios próprios para o fabrico da farinha de mandioca.

Bagnuolo, que precipitadamente se acolhera à vila da Magdalena, deixa-a, logo no dia 10 de março, e vai refugiar-se na vila de S. Francisco (Penedo) onde chega no dia 17; mas, percebendo que não se lhe proporcionava aqui assaz segurança, faz que transponha, no dia seguinte, o rio S. Francisco Affonso Ximenes Almiron com os terços castelhano e napolitano. E, apenas lhe consta que o inimigo vem sobre ele, a marchas forçadas, passa-se para Sergipe no dia 26; e, com tal precipitação, que não cura de previamente pôr a salvo as muitas famílias que o tinham acompanhado pelo que muitos foram colhidos às mãos pelos holandeses; e outros, se escaparam, não puderam salvar seus haveres, nos quais fizeram os inimigos avultada presa.

De feito, Nassau providenciara com presteza nos meios de perseguição contra Bagnuolo, e enviara por terra, com a incumbência de aprisioná-lo, Sigismundo van Schkoppe, ao mesmo tempo que ele em pessoa,

embarcando em Barra Grande, e, logo depois, tomando terra em Jaraguá, seguiu também por terra, em rápida marcha, até a vila de S. Francisco, onde chegou no dia 27 de março, no dia seguinte ao da trasladação de Bagnuolo para Sergipe.

Entendeu Maurício que não lhe convinha ir mais além, e que, por então, deveria contentar-se com o ter o rio de S. Francisco a limitar pelo Sul as possessões holandesas na América. Para garantir seu domínio por este lado, construiu ele, nas ribas do grande rio, o forte Maurício, o qual seria o núcleo inicial da colonização que para aqui faria convergir.

Demorou-se Nassau apenas dois meses em Penedo. Além do forte Maurício, fez construir, em frente, um reduto, na outra margem do rio, no intuito não só de estorvar as comunicações entre Bahia e Pernambuco, como também para facilitar o prover-se do muito gado existente nas cercanias. Tendo Nassau feito seguir para a Europa Artischofsky, e determinado a permanência aqui de Sigismundo, como guardador das fronteiras meridionais; e, tendo recomendado a Lichthardt que cruzasse nos mares do sul, recolheu-se ao Recife, onde ia entregar-se à faina de reorganizar a conquista holandesa, empresa de que se saiu com muita glória pelas medidas acertadas, de que lançou mão, pelos conhecimentos administrativos de que deu provas, e pela tolerância, com que tratou os vencidos.

Quanto a Bagnuolo, apesar de fugitivo, não perdeu de todo o tino; e, pois, não tendo o governador geral Pedro da Silva dado crédito ao que lhe mandara dizer quanto ao presumível assalto que Maurício brevemente levaria à cidade da Bahia, e ordenado que ele ficasse em S. Ch-

ristovão, onde se achava desde 31 de março, tratou de iniciar uma guerra de emboscadas, com as quais passou a de continuo dizimar as forças inimigas que só com dificuldades inúmeras conseguiam arrebanhar algum gado, na margem meridional, para onde fizera Bagnuolo transportar todo o existente na setentrional, ou quase todo.

Tendo sido Sebastião do Souto incumbido de ir secretamente a Pernambuco, em companhia de João de Magalhães, e sessenta índios, partiu no dia 23 de fevereiro de 1638. Passou o rio perto da barra em uma chalupa que tomou dos holandeses, e cuja aprisionada tripulação ele fez seguir para Bagnuolo; e, tendo chegado até Coruripe, conseguiu surpreender na madrugada do dia 20 de março, a guarnição de uma trincheira, que aqui tinha sido construída para proteger uma partida de corte de pau-brasil; e o mais importante, foi que, continuando sua marcha aprisionou dois holandeses, no bolso de um dos quais encontrou uma carta escrita do Recife, pela qual inteiravam ao destinatário de que o Conde de Nassau estava embarcando numerosas tropas para ir sitiar a Bahia.

Com um tal achado, entendeu Souto de não prosseguir na sua marcha, e sim retroceder e fazer de tudo ciente Bagnuolo. Este, por sua vez, comunicou o ocorrido ao Governador Geral, que convencendo-se do acerto das previsões de Bagnuolo, deu-lhe ordem para aproximar-se da cidade da Bahia; e foi assim Bagnuolo o salvador da Capital do Brasil; feito este que lavou-lhe, de todo o labéu de poltrão, e granjeou-lhe altas e muito merecidas recompensas.

O fracasso enorme, sofrido pelas aguerridas tropas de Nassau, ante a cidade de S. Salvador, parecia que traria às Alagoas prolongadas tréguas às dolorosas cenas, por

que acabavam de passar. Assim, porém, não aconteceu, em razão da chegada do Conde da Torre, D. Fernando de Mascarenhas, que viera como Governador Geral do Brasil, à frente de poderosa esquadra, com a incumbência de usar, contra os holandeses, das mais enérgicas represálias, como resposta ao ataque contra a Bahia. Com efeito, as delongas, com que procedeu em seus aprestos antes de dar começo à campanha, que o Conde da Torre, tinha em vistas efetuar simultaneamente por mar e por terra, deram a Nassau o tempo necessário para informar ao Conselho das Índias Ocidentais do perigoso da nova situação, reclamando socorros, os quais lhe chegaram com muita oportunidade.

O Conde da Torre, após haver dado suas instruções (que pecavam por baldas de harmonia e rigoroso definido) a Camarão, a André Vidal de Negreiros, etc., deixou o porto da cidade da Bahia, no dia 19 de novembro; no dia 13 de dezembro apareceu em frente ao porto das Alagoas, com o fim de ter notícia do inimigo, e de aí desembarcar munições para serem distribuídas às tropas de terra.

Já nesse tempo se achava Nassau em condições de afrontar o temível armamento do Conde da Torre e os 41 vasos holandeses ao mando de W. Coonelisson Loos, seguindo para o Sul, surpreenderam os quatro navios, que tinham ficado em Jaraguá descarregando munições e suas tripulações, para poderem salvar-se, deixaram que varassem em terra ditos navios.

Encontrando-se, enfim, as duas esquadras, começou a batalha naval a ferir-se no dia 12 de janeiro de 1640, um pouco ao Norte da ilha de Itamaracá, defronte de Ponta de Pedras, e prolongou-se, velejando as esquadras

mais e mais para o Norte, até que no dia 17 foi completo o desbarato da esquadra do Conde da Torre.

O desânimo que se apoderou de todos os nossos foi demasiadamente fundo; baldadas todas as esperanças baseadas no formidável armamento confiado ao Conde da Torre, viram-se a braços com as maiores dificuldades os bravos que por terra tinham avançado assaz ao Norte com o fito de as manobras do Conde proporcionar apoio em terra, sempre que este entendesse haver azado ensejo a algum desembarque.

E Luiz Barbalho, que tomou sob seu mando a força de mil e trezentos soldados que o Conde da Torre conseguiu fazer desembarcar no porto de Touros, no Rio Grande do Norte, efetuou uma retirada que lhe imortalizou o nome, e que por alguns escritores há sido comparada à Retirada dos Dez Mil Gregos sob o mando de Xenofonte, depois da derrota de Ciro o Moço em Cunaxa perto de Babilônia.

Frustraram-se todos os esforços empregados por Nassau no sentido de opor-se à marcha triunfal de Luiz Barbalho, ao qual força alguma pode deter, não aproveitando para isto a Nassau nem o expediente de mandar seguir o Almirante Jol em oito navios com 700 soldados e 200 índios para no S. Francisco interceptar a retirada de Luiz BarbaIho, que, indo em sua marcha através o território das Alagoas, ainda teve de aqui dar combate aos inimigos, e se viu na dura contingencia de recorrer, de necessidade, no expediente de talar os campos para privar os inimigos de todo e qualquer recurso, do qual pudessem utilizar-se para prossegui-lo, e incendiou os únicos dois engenhos que ainda existiam nas Alagoas!

A restauração da independência de Portugal em 1640

trouxe tréguas entre a Holanda e Portugal: mas não foram de longa duração. O procedimento do Conde João Maurício de Nassau, apoderando-se do Maranhão em 25 de novembro de 1641, e reconquistando Sergipe até o Rio Real, e apoderando-se de Loanda e ilha de S. Thomé, na África, reacendeu os ódios e de novo fez reviver o desejo de vingança e logo começaram as maquinações, no ponto de vista de efetuar-se um levantamento geral contra os holandeses.

Apenas chegado o novo Governador Geral do Brasil, Antonio Telles da Silva (26 de agosto de 1642) envidou este sérios empenhos no sentido de dar começo de execução nos planos, de que vinha incumbido, fazendo, entre outras medidas, que André Vidal de Negreiros seguisse para o Recife, a pretexto de entender-se com Maurício de Nassau sobre as últimas ocorrências de Angola, a respeito das quais o Marquês de Montalvão, algum tempo antes, escrevera ao mesmo Maurício de Nassau; mas verdadeiramente alvejando a lançar as sementes da projetada insurreição.

Em setembro de 1644, já tendo partido para a Europa o Conde João Maurício de Nassau, que passara o governo (22 de maio) aos Conselheiros Secretos Henrique Hamel, Andrian Van Roolestrate e Pedro S. Bas, fez André Vidal de Negreiros uma segunda viagem ao Recife, e conseguiu dispor os espíritos para o levantamento em dia determinado e; na Barra Grande, na torna viagem, desembarcou mantimentos e munições que se destinavam aos revoltosos.

Foi este o verdadeiro começo do período ultimo da Guerra Holandesa, o de 1645 a 1654, chamado Guerra da Independência. Seguiram prestamente por terra,

de ordem do Governador Geral Antonio Telles da Silva, uns quarenta soldados, que, por peritos nas guerras de emboscadas, se destinavam a servirem de oficiais na luta próxima a travar-se. Era comandante deste troço de homens decididos o habilíssimo Capitão Antonio Dias Cardoso: à paz e salvamento e com a maior cautela atravessaram Sergipe, Alagoas, e chegaram às imediações de Recife, onde os conservou ocultos Domingos Fernandes Vieira, então arrematante do contrato do pau-brasil, e que havia de ser o braço forte da projetada revolta.

Tais foram as precauções, com que se houveram nas medidas tomadas e nos passos executados que os do conselho do governo holandês só tiveram certeza do que se tratava, quando Mucheron, chefe político holandês das Alagoas, lhes deu a desagradável noticia de se terem posto em marcha para o Norte, internados pelo sertão, Camarão e Henrique Dias.

Rompeu, de feito, a revolta na noite de 13 de junho de 1645, e o primeiro encontro realizou-se no Monte das Tabocas, onde cobriram-se de gloria as armas independentes, no dia 3 de agosto, de 1645. Começava sob tão felizes auspícios esta nova fase da luta, a qual só teria seu termo com a completa expulsão dos Holandeses.

Restauração de Porto Calvo

O entusiasmo, que de todos se apoderava, não podia deixar de influir nos portocalvenses. Como todas as outras localidades da região ocupada pelos holandeses,

teve Porto Calvo que sofrer as consequências do ódio sanguinário votado aos da revolta pelos membros do conselho do governo holandês, os quais transmitido haviam para todos os pontos instruções para a prisão das pessoas as mais influentes, dos nobres, dos ricos: era o mais seguro meio que lhes ocorria, de imporem a obediência.

Puseram-se, em Porto Calvo, à frente do movimento restaurador Christovão Lins de Vasconcellos, que já havia sido nomeado por João Fernandes Vieira para capitão deste distrito e paróquia (era neto do ilustre fidalgo Christovão Lins, que, no tempo do Donatário da Capitania de Pernambuco, fora capitão e alcaide-mor de Porto Calvo) e Vasco Marinho Falcão, como ele rico proprietário, e casado com uma sua tia. Esses dois patriotas, aliando seus recursos reúnem a gente disponível dos Morros de Ferricosa, do rio Manguaba, do Comandatuba, do Escurial, de Camaragibe e de Mata Redonda; improvisam dois quarteis nas imediações da Vila de Porto Calvo, um no Outeiro de Mocoitá à direita da Vila, o outro no Outeiro de Amador Alvares, e assumem o mando: do primeiro, Falcão, e, do segundo, Christovão Lins de Vasconcellos.

Era plano desses valentes portocalvenses obstar, por meio de guerrilhas e emboscadas, que a guarnição holandesa de Porto Calvo recebesse munições e mantimentos; compreendendo perfeitamente que, obtido um tal *desideratum*, ser-lhes-ia fácil a tomada da fortaleza.

Se bem que mal armados, dispondo apenas de algumas espingardas quase imprestáveis, de quatro mosquetes, de facões, foices, dardos, espadas velhas, arcos e flechas, ocupavam aqueles valentes os seus postos, resolvidos a todo e qualquer sacrifício, não refugindo ás

intempéries, às mores privações, aos mais sérios perigos.

O primeiro encontro (julho de 1645) foi por ocasião de ter querido desalojá-los o comandante da fortaleza Aram Florins, enviando contra eles umas quatorze praças, que foram rechaçadas, e vitimadas, com excepção de uma que pode volver à fortaleza, onde o terror, de que se possuíra, a fez exagerar as forças contrárias; o que foi de grande vantagem para os nossos, que começaram a ser tidos em conta de inimigos temíveis, por numerosos e bem armados. O segundo triunfo teve lugar por ocasião do assalto que levaram a um navio holandês, que, carregado de viveres e munições bélicas, subia o rio Manguaba; dando de súbito sobre o dito navio em um passo estreito do rio, onde se emboscaram sob o mando de Christovão Lins. Foi fácil e rápida a vitória; pois que, saltando inopinadamente sobre a tolda do navio, passaram a fio de espada toda a tripulação. A presa, de que se assenhorearam nessa ocasião, foi de suma importância: viram-se repentinamente servidos abundantemente de mosquetes, pólvora, balas, bem como de farta provisão de vinho, azeite, vinagre, cerveja, queijos, manteiga e biscoitos. Ousaram, mesmo, intimar ao comandante da fortaleza que se rendesse. A intimação concluía por estas palavras: "E, com vossa mercê me entregar a fortaleza se escusarão muitos trabalhos: e quando vossa mercê a não entregue, será necessário morrerem todos aí dentro à pura fome, ou saírem fora a provar a mão comigo, ou chegar-me eu à fortaleza e encher-lhe as cavas de lenha e queimar a vossas mercês todos. Tome seu conselho e responda-me antes que comece a fazer a guerra em forma: porque, uma vez começada, não hei de ouvir embaixada de vossa mercê, nem conceder-lhe partido algum".

Respondeu o comandante da fortaleza, declarando que, enquanto dispusesse de pólvora e balas, os seus soldados teriam o que comer; e que ele o provaria brevemente.

Christovão Lins não cessa de mais e mais apertar o sítio, e já se acha à distância de tiro de mosquete; e não tarda a fome a se fazer sentir entre os sitiados.

Já eram passados seis dias, quando o comandante da fortaleza enviou um embaixador com o fútil proposito de convencer a Christovão Lins de que não render-se-ia à fome e somente à viva força: mas, visivelmente, com o fim de examinar o que de real se dava no acampamento dos contrários, para bem basear-se, quanto à efetuação de alguma sortida. Christovão Lins percebeu qual era o intento do inimigo e tratou de tirar proveito deste incidente: manobrou de modo que iludiu completamente o tal embaixador e, por seu intermédio, a Aram Florins. —Vendados os olhos do embaixador, foi este admitido no quartel, onde lhe permitiram observar o que se lhe oferecesse aos olhos: 200 homens ali estavam armados, e em um outro alojamento se fazia, muito propositalmente notar constante movimento de homens, em todos os sentidos, como, se, com efeito, achando-se todos eles em séria faina. E essa tão bem combinada ficção surtiu o melhor possível efeito; sobretudo com o asseverar Christovão Lins que, como aquele, havia três quarteis em torno da fortaleza, dizendo em seguida: "Se o comendador não se entregar com brevidade, o hei de investir por todas as partes, e sem se poder remediar; se anoitecer vivo, há de amanhecer abrasado".

Em sendo de volta o embaixador, Aram Florins intimidou-se deveras, e procurou entender-se com Christovão Lins de Vasconcellos, fazendo-lhe ver: 1º, que não

podia entregar a fortaleza a ele, ou a outro capitão da terra de Pernambuco, e que mandasse vir um dos capitães de infantaria chegados da Bahia, para o fim de estipularem as bases do acordo; 2º, que mostrando-se tão amigo seu, enviasse-lhe algum refresco da terra, enquanto chegava o capitão da Bahia.

Christovão Lins aceita a proposta: expede um correio a João Fernandes Vieira e aos mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, pedindo-lhes um capitão grave dos vindos da Bahia, para celebrar concertos com o comendador da fortaleza; e enviou aos sitiados quatro sacos de farinha, uma vaca, laranjas, limões, peixe salgado, queijos e vinho.

Foi determinada a vinda do capitão Lourenço Carneiro de Araujo, em companhia de quem chegaram igualmente o coronel Pedro Marinho Falcão, o capitão João Gomes de Mello e outras pessoas importantes, sendo todos recebidos com salvas e outras demonstrações de alegria, no quartel de Christovão Lins, onde no dia 15 firmaram-se as negociações com as formalidades do estilo. E no dia 17 de setembro era entregue, depois de um cerco de quarenta e dois dias, a fortaleza, praça e vila de Porto Calvo, da qual saíram cento e cinquenta e seis soldados, pelos quais distribuíram os nossos a quantia de 700$000 réis. Ficaram em nosso poder oito peças de artilheria de bronze, que o capitão Lourenço Carneiro de Araujo fez transportar para a Várzea do Capibaribe, quartel general dos restauradores. Os moradores de Porto Calvo o acompanharam até o rio Una.

A fortaleza foi arrasada, e as tropas foram engrossar o cerco do Recife. Também os holandeses não apareceram mais adiante de Porto Calvo.

Restauração de S. Francisco

O ano de 1645 foi o da completa restauração da parte mais meridional da Capitania de Pernambuco, da completa libertação do solo alagoano. Não foi somente Porto Calvo que sacudiu nesse ano o jugo dos invasores: Penedo com o forte de S. Francisco, lhes foram arrebatados no dia 19 de setembro. Aqui, às margens do rio S. Francisco, começou a revolta pelo ataque inopinado contra um sargento e dez soldados, que conduziam preso a um dos moradores, que à viva força foi tomado do poder dos soldados que o arrastavam.

Querendo o comandante do forte Maurício, Samuel van Koyn, vingar-se dessa ousadia, fez sair do forte um oficial com setenta soldados. Caíram todos em uma emboscada, ficando suas armas em poder dos revoltosos, que tomando a ofensiva, procederam a sitiar o forte: enquanto pediam socorros ao governador geral Antonio Telles da Silva, para quem despacharam dois correios, fazendo-lhe constar os grandes apuros, em que se viam os moradores de S. Francisco.

Como constasse aos sitiantes que um caravelão holandês estava ancorado a umas seis léguas abaixo do forte, esperando vento oportuno para poder navegar rio acima, resolveram acometê-lo, antes que lhe pudesse chegar notícia da revolta. E, de feito, estando os tripulantes inteiramente descuidosos de qualquer perigo, foram assaltados tão inesperadamente, em ocasião, em que se distraiam em terra, que não escapou um só. A posse do caravelão proporcionou aos nossos grande quantidade de mosquetes, muita pólvora, balas, além de muito mantimento.

Inteirado o governador geral do que ocorria em S. Francisco, fez para lá seguir, aos 27 de julho, com as três companhias que sob seu mando estanciavam no Rio Real, ao capitão Nicolau Aranha, o qual seguindo por ínvias florestas, através as quais abriam caminho negros armados de foices e machado, chegou aos 10 de agosto às margens do grande rio, e foi um de seus primeiros feitos o queimar as lanchas dos inimigos de serviço ao forte, já então sob cerco regular: e nesse mesmo dia foram sacrificados os dois soldados, que por ordem do comandante do forte saíram a recomendar aos da campanha que trouxessem para junto do forte as setenta cabeças de gado, em que tinham sido tributados pelos escabinos; e, em seguida, apresadas duas embarcações que conduziam socorros aos inimigos; sendo nessa ocasião mortos vinte dentre os contrários. Esse incidente avolumou ainda mais a reserva de munições e armas dos sitiantes.

No dia seguinte ao de sua chegada, Aranha atravessou o rio acima do forte.

Sua aproximação entusiasmou tanto aos nossos que dez soldados, embarcados em uma canoa, não hesitaram em acometer e apresar uma lancha guarnecida de 11 holandeses. E, chegando junto aos arraiais dos sitiantes, no dia 13, soube, como hábil guerreiro que era, postar-se de modo que tomou aos inimigos todos os caminhos; e, de dia para dia, foi mais e mais aproximando seus postos em torno do forte, causando por vezes mortes nos dos inimigos, principalmente no dia 23 de agosto, quando o inimigo mandou roçar o matagal circunvizinho às suas casas. E na noite desse mesmo dia, constando-lhe que um navio holandês subia o rio, fez que seguissem-lhe ao encontro duas canoas tripuladas por vinte e cinco soldados, sob a

direção de Francisco Rodrigues, os quais renderam-no com felicidade. Igual medida tomou, cinco dias depois, contra uma nau grande e duas barcaças; mas estas não esperaram sua aproximação e fugiram barra a fora.

O inimigo sentia-se em verdadeiras dificuldades e visível irresolução: nem ousava fazer sortida alguma; e, se, com efeito, projetado havia alguma que conviesse efetuar no dia 1º de setembro, arrependeu-se de tal propósito: pois que, sendo fulminados pela nossa fuzilaria alguns dos seus soldados, que, aberta a porta da fortaleza, a tinham transposto, fechou-se logo a porta para não mais se mostrarem extra fortaleza!

Intimado Koyn por Aranha, no dia 13, para que lhe entregasse a fortaleza, respondeu-lhe, dois dias depois, pedindo-lhe, três dias de tréguas: Aranha acedeu a este pedido.

Já era neste tempo mui grande o desanimo da guarnição consequência da bem lembrada medida de Nicolao Aranha, que enviará a Koyn alguns dos homens aprisionados a bordo do navio apresado no dia 23 de agosto, os quais transmitiram-lhe a notícia da derrota de Haus na Várzea e de ter ele com os principais oficiais sido feito prisioneiro e conduzido por terra para Bahia; bem como o inteiraram de que o Recife estava sob cerco; pelo que debalde contaria se lhe remetesse dali qualquer reforço. Era voto geral da guarnição que importava capitular sem mais demora.

Justamente no terceiro dia das tréguas, e precisamente quando os nossos davam duas sucessivas descargas em honra à celebração de uma missa solene (o que concorreu para ser o evento considerado um milagre) fazia o inimigo chamar nossa atenção por um tambor, e declarava que se entregaria nesse mesmo dia.

Foi-lhe concedida pelo capitão Nicolao Aranha capitulação, com as seguintes condições: sairiam da fortaleza com suas armas e balas em boca, bandeiras estendidas, e oficiais com suas insígnias militares, até uns tantos passos, onde seriam desarmados; o que tudo se cumpriu fielmente. Encontraram-se na fortaleza 16 peças de artilheria de bronze, muitas balas dos respectivos calibres, pólvora molhada e em pequena quantidade, nenhuma bala de mosquete, trinta e sete barris de farinha, e de carne somente o suficiente para a ração daquele dia. Restavam ainda duzentos e sessenta e seis holandeses e cinco índios, não falando em mulheres, meninos. Vivos ainda sete cavalos.

Dificuldades serias teriam advindo aos nossos, se, por mais tempo, se demorasse a entrega da fortaleza: Já estava esta em nosso poder, e os holandeses já tinham entregado as armas, e mesmo se achavam passados para a margem meridional do S. Francisco; eis que assomaram a umas duas léguas, rio a baixo, uma nau e três lanchas grandes, as quais traziam para a guarnição holandesa importante socorro: cento e cinquenta soldados e grande copia de munições e mantimentos.

Nicolao Aranha pôs logo em prática o plano, que concebera para apoderar-se daquelas embarcações: artificiosamente fez crer aos daqueles barcos que a fortaleza ainda resistia; e, equipados às pressas dois barcos, e tripuladas duas canoas de soldados resolutos, mandou investir contra eles. Ante o denodo, com que os nossos soldados se houveram neste acometimento, percebendo os navios holandeses que chegavam tardiamente, só trataram de fugir-lhes; e, descarregando ao acaso sua artilharia, que nenhum dano causou aos nossos, lá se foram

rio abaixo, e desapareceram para não mais voltarem.

O nosso Comandante ordenou o arrasamento da fortaleza; e, em razão da grande distância de sessenta léguas deste ponto ao arraial da Várzea do Capibaribe, e impossibilidade de fazê-las seguir por mar, pelo facto de ser este devassado pelos cruzeiros holandeses, ocultou as peças em lugar seguro. Isto feito, foi despedindo os outros capitães com as respectivas companhias para o acampamento de João Fernandes Vieira, a saber: André Vidal de Negreiros, Martim Soares Moreno, e, depois de tudo bem disposto no rio S. Francisco, seguiu, por sua vez, na mesma direção, chegando todos, sem contratempo de monta, ao Arraial da Várzea do Capibaribe.

De então por diante, ficou inteiramente livre das investidas dos holandeses o território alagoano, excetuando, contudo, uma ligeira intermitência, a expedição de Henderson ao S. Francisco em 1646.

É de notar que a rendição do forte de S. Francisco teve salutaríssima repercussão em Sergipe: interrompidas as comunicações desta parte da conquista holandesa com o Recife, forçoso foi ao inimigo render-se em S. Christovão, onde ficou prisioneiro, de D. João de Souza, Hans Vageles, que era então o comandante do forte, e que, aos 27 de setembro, partia para Portugal, em companhia de Koyn e Florins.

Assim, perdiam os holandeses a região que, de algum tempo a essa parte, lhes era a fornecedora de gado ao passo que franqueado ficava aos nossos esse rico manancial. Só do S. Francisco acabavam de chegar ao arraial dos Restauradores duzentas cabeças de gado, começo da execução da ordem do governador geral, determinando que da Vila do Penedo se enviasse ao exército restaura-

dor o gado necessário para o fornecimento de duas mil e quinhentas libras de carnes diárias.

Foi precisamente para reabrir aos holandeses os campos de criação, sitos às margens do S. Francisco, que Sigismundo Van Schkoppe, que no 1º de agosto de 1616 volvera de Holanda, incumbido de assumir o comando em chefe das forças holandesas, fez seguir Henderson para o S. Francisco, levando mil e trezentos homens embarcados em treze navios; comandados por Lichthardt. A 16 de novembro, desembarcou ele em Coruripe, de onde seguiu por terra até S. Francisco, cujos habitantes, inclusive a guarnição, aterrados, só trataram de fugir, levando consigo o que podiam conduzir, e foram refugiar-se na margem meridional do S. Francisco, onde estanciava, por ordem do governador geral, o capitão Francisco Rebello; de modo que foi fácil a reconquista.

Erguia Henderson um forte (um pouco afastado do local do antigo, arrasado por ordem de Nicolao Aranha), quando os nossos, já dissipado o terror pânico, e já tendo recebido socorros enviados da Bahia, se concentraram em um ponto mais ao Sul, em número de duzentos, conseguiram surpreender, a um quarto de légua do forte, um posto avançado de vinte homens. Porém o mais importante foi que, supondo Henderson que teria ocasião de castigar semelhante ousadia, enviou, para rechaçar os nossos, ao capitão francês La Montagne, à frente de toda a força disponível. Os nossos, porém, fingindo que cediam ao impetuoso do ataque dos inimigos, os atraíram a uma emboscada: o resultado de tão hábil ardil foi a completa derrota dos holandeses — La Montagne morreu nesse combate memorável, e ficaram prisioneiros, entre outros, o capitão Gisselingh e o ministro Astete,

que quis tomar parte nesse ataque; e foi, em consequência desse desastre, conduzido para a Bahia. Poucos dos inimigos conseguiram volver ao forte.

Vendo Sigismundo que falhara seu plano, quanto ao fazer do S. Francisco uma base de operações, que, segundo seus intuitos, atacariam pela retaguarda os sitiantes do Recife, mudou de tática: resolveu expedir numerosas forças para ocuparem a ilha de Itaparica; e daí, valendo-se da esquadra, bloquearam e sitiaram a cidade da Bahia por mar; para o que retirou parte da guarnição do forte de S. Francisco. Esta medida mais precária tornou a posição de Henderson, que, depois de vários contratempos, sofrera perdas bem sensíveis em dias de março de 1647, por ocasião da disputada posse de uma casa nas imediações do forte. Foram consequências deste renhido combate, em que Henderson em pessoa recuou ante os nossos, não obstante achar-se ele à frente de trezentos soldados, a perda dos currais de gado, de que tiravam o sustento e o mais completo desacoroçoamento para nossos contrários. Assim, forçoso foi que se retirassem os holandeses do S. Francisco; e, ao mesmo tempo, que o restante de suas forças seguia para a ilha de Itaparica, Henderson embarcava para a Holanda, com permissão de Sigismundo.

De então por diante, a Guerra Holandesa não mais envolveu o território alagoano: prolongou-se, é verdade, por seis anos ainda, e muitos combates se pelejaram, nomeadamente as duas célebres batalhas dos Gurarapes; mas todos os feitos posteriores aos que temos historiado, ocorreram exclusivamente nos territórios dos atuais Estados de Pernambuco e Paraíba. Ao findar-se esta guerra, em 27 de janeiro de 1654, todo o vasto território, que

lhe fora teatro às sangrentas peripécias e selvagens devastações, inclusive o território das Alagoas, oferecia o quadro mais desolador foram precisos muitos anos para se curarem as chagas abertas por tão prolongada luta, de cujas consequências horrorosas só muito paulatinamente se foram refazendo nossos estabelecimentos rurais, especialmente os engenhos de fabricar açúcar, a principal fonte de nossas riquezas nesses tempos; não por falta de braços, (nossas populações volviam prontamente aos reconquistados campos, quais os habitantes das faldas vulcânicas do Vesúvio, que, repelidos para bem longe de seus risonhos domicílios pelas devastadoras convulsões, do terrível vulcão, a eles acolhem-se de novo, descuidosos do perigo e cheios de confiança, apenas hão cessado as tantas vezes repetidas erupções); mas por falta de recursos pecuniários; pois que não houve fortuna particular que pudesse resistir ao furioso ódio do soberbo e cruel batavo, que, sempre que podia usar de represálias contra os revezes que lhe infligiram nossas armas, exercia contra nossas povoações, contra nossos campos de plantação ou de criação a devastação a mais vandálica, o saque o mais pirático!

HISTÓRIA
DE ALAGOAS
www.historiadealagoas.com.br